

HISTÓRIAS FIUTUANTES

ABC DO SÃO FRANCISCO

Juazeiro dá lerdiza Petrolina dá fidalguia,
Santana do cascalho Riacho dá carestia.
Santa Sé dá miséria Remanso dá valentia
Pilão Arcado dá desgraça Xique Xique dos bundão
Icatu cachaça podre Barra só dá ladrão.
Morro do Pará, pedra de amolá Boa Vista casa de palha
Bom Jardim dá rica flor Rio Branco do urubu
Gameleira dá serraria, Sítio do Mato dá santa cruz
Triste do povo da Lapa, se não fosse o Bom Jesus.



LONGA-METRAGEM, DRAMA
BASEADO NO ROMANCE DE HILTON J. KUTSCKA



No ano de 1972, um fotógrafo parte em uma viagem transformadora pelo rio São Francisco e descobre o Brasil escondido pela ditadura militar.

HISTÓRIAS FLUTUANTES:

Na década de 1970, o povo eufórico assistia ao “milagre brasileiro” na economia. Janos, 23, é contratado para fotografar um passeio turístico pelo rio São Francisco a bordo do vapor Benjamim Guimarães. Mas o que eram para ser férias pagas perdem seu tom idílico conforme Janos descobre a miséria escondida pelo regime militar.

No percurso entre Pirapora (MG) e Juazeiro (BA) seu olhar é transformado pelas histórias da tripulação e da população ribeirinha e pela dinâmica da primeira classe: estrangeiros e turistas encantados com o Brésil Sauvage, incluindo um General que não mede palavras para condenar os miseráveis, e da segunda classe que usa a embarcação como transporte. Ao longo dessa semana, um dedo e parte de outro são perdidos para sempre, um campeão de natação descobre o amor, São Cipriano encarna em um barman por alguns instantes durante um desastre, uma mulher sem bunda no país que idolatra esta parte da anatomia feminina é vista e jamais esquecida. Leprosos pedem esmolas cantando algo que lembra um blues, jantares e almoços regados a vinhos franceses são servidos por um matador em um restaurante que fica no teto de quem quase não tem o que comer. De volta da viagem, Janos entende que no Brasil do “Ame-o ou deixe-o”, o povo não tinha nem mesmo essa opção.

O FILME:

“Histórias Flutuantes” é um projeto do gênero drama, com aproximadamente 90 minutos, que atrai um público que vivenciou a década de 1970 no Brasil e se beneficia do interesse internacional pelo Rio São Francisco. O longa apresenta a ditadura militar no ano de 1972 com uma abordagem diferente da violência e da tortura ao retratar, a partir da observação de um fotógrafo do Sudeste, a miséria da população ribeirinha. Aos olhos do protagonista e do público, desfia-se um Brasil forte e resistente, com crenças e dramas que, de tanta verdade, só a ficção é capaz de contar; histórias flutuantes que se recusam a afundar como tantas cidades à margem do rio.

REALIZADORA:

Laura Barile, formada em Direção Cinematográfica pela Academia Internacional de Cinema e Jornalismo pela PUC-SP, mestranda em Cinema Documental pela Fundación Universidad del Cine de Buenos Aires. Trabalhou como roteirista e consultora em projetos de longa-metragem e participou de núcleos criativos e laboratórios contemplados pela Ancine, desenvolvendo projetos de séries e longa-metragens adultos e infantis. Integrou a equipe da primeira temporada de “Gaby Estrella”, indicada ao Emmy Kids Awards 2014 e foi criadora e coordenadora de roteiros da série “Mostra tua cara”, indicada ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro 2019. Co-roteirista do longa-metragem documental “Kevin” (2021) e do projeto de ficção “Ushuaia”, da diretora Joana Oliveira, contemplado com a bolsa Ibermedia para o LabGuion Colombia 2020. “Daragaia Lida”, seu primeiro longa-metragem como diretora, atualmente em produção, foi vencedor da Primeira Menção Especial na categoria desenvolvimento no Labex Argentina 2019.

CONTATO:

laurabarile@gmail.com
<http://laura.barile.info>
11 9 9961-2992

